



## **FICHA TÉCNICA**

### **Título**

Prosa & Verso II — *Árvore*

### **Edição**

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais  
*Politécnico de Leiria*

### **Coordenação**

Paula Cristina Ferreira  
Cristina Nobre

### **Capa e Projeto Gráfico**

Rui Lobo

### **ISBN**

978-989-8797-54-4

### **Depósito Legal**

476426/20

### **Impressão e Acabamento**

Relgráfica, Artes Gráficas, Lda

### **Tiragem**

500 exemplares

—

Novembro 2020

*Leiria*

**Sara Matos**

*Tinta da china sobre papel*

29X42 cm





Prosa & Verso II  
*Árvore*



## ÍNDICE

### 15 Prefácio

#### Textos em Prosa

##### ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

- 21 A Árvore da Minha Vida – Vivian Ribeiro (1.º Prémio)  
24 Zé Simão e a Sombrosa – Sandra Freitas do Nascimento (2.º Prémio)  
30 As Árvores de Casa da Avó – Cao Jingnan (2.º Prémio)  
34 Os Dias Mais Tristes da Aldeia – Camila Coelho (3.º Prémio)

##### ESCALÃO 2 – DOCENTES

- 41 Uma Árvore Especial – Ana Rita Sequeira (1.º Prémio)  
48 Um Silêncio que fala – Filomena Carvalho (2.º Prémio)  
50 A Árvore Desafiadora – Inês Cardoso (2.º Prémio)  
56 A Árvore da Sorte – Rui Matos (3.º Prémio)

#### Textos em Verso

##### ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

- 65 Árvore Infinita – Luna de São Pedro Silva (1.º Prémio)  
67 A Árvore da Maldição – Rafael Alexandre Duarte (2.º Prémio)  
68 Aquela Árvore – Diogo Manuel Lopes de Sousa (2.º Prémio)  
69 Se eu pudesse... – Beatriz Duarte Silva (3.º Prémio)  
70 A Árvore da Vida – Inês Costa (3.º Prémio)  
72 Na Copa da Árvore – Rafael Alexandre Duarte (Menção Honrosa)

##### ESCALÃO 4 – ALUMNI

- 77 A Árvore em Ti – Ricardo Fonseca (1.º Prémio)  
79 Raízes da Vida – Alexandra Albuquerque (2.º Prémio)  
81 Raízes da Minha Infância – Cheila Roça (2.º Prémio)  
83 Aquela Árvore – Cheila Roça (3.º Prémio)  
85 Pelo Vento – Alexandra Albuquerque (3.º Prémio)

**Rafaela Ferreira**

*Caneta sobre Papel*

29X42 cm





“Em suma, unindo a vida da árvore à árvore da vida.”

António Bagão Félix

Ana Paula Figueira

In *Raízes de Vida* (2019)



## Prefácio

A antologia de textos de prosa e verso, reunida nesta edição, resulta do 2.º concurso de Prosa & Verso, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Politécnico de Leiria, sendo a temática ÁRVORE.

O prémio visa a partilha das boas práticas de escrita e de leitura na comunidade escolar, promover a língua portuguesa enquanto competência transversal às diferentes áreas de saber, desenvolver práticas inclusivas e promover a literacia e a fruição estética-literária. Este ano, para além das categorias dos estudantes, docentes, técnicos e administrativos, foi criado o escalão dedicado aos *alumni*, acolhendo diplomados do Politécnico de Leiria.

Esta 2.ª edição assinala a continuidade deste Prémio de Escrita, inevitavelmente marcado, neste tão atípico ano de 2020, pelo contexto de confinamento e de pandemia pela doença COVID-19. Mas celebra também a arte da escrita como forma de liberdade e de superação. Somos convidados a percorrer as linhas de cada um dos autores que aceitaram o desafio da ESECS e é um gosto fazê-lo. O tema definido é importante sempre, mas hoje permite múltiplos contextos ainda mais fundamentais, nomeadamente a importância das raízes, das ramificações e das redes colaborativas, da simbiose, da família, do tempo para a contemplação, do ambiente e da urgente necessidade da descarbonização, dos afetos, do significado e valorização da vida e do equilíbrio do planeta onde vivemos!

A todos os envolvidos na concretização deste meritório projeto, aos autores, ao júri, aos colaboradores que desenvolveram o grafismo, às Professoras Paula Cristina Ferreira e Cristina Nobre, à Direção da Escola, o meu obrigado pessoal e institucional. Estamos a cumprir a nossa missão, estamos a fazer a diferença.

Rui Filipe Pedrosa

*Presidente do Politécnico de Leiria*



## TEXTOS EM PROSA

**Catarina Inês**

*Marcador sobre papel*

29X42 cm





## ESCALÃO 1 — ESTUDANTES

### A Árvore da Minha Vida

*Vivian Ribeiro (1.º Prémio)*

Estudante da ESECS

No fundo do quintal da minha casa havia uma estrondosa e maravilhosa árvore. Um Ipê de flores amarelas. De tantos anos que já tinha, seu tronco era largo, forte e imponente. Na primavera, sua larga copa enchia-se de flores de um amarelo vivo e puro. Não havia dúvidas de que eram amarelas. Nem amarelo escuro, nem ocre, nem claro, nem alaranjado ou mesmo esverdeado. Eram mesmo amarelas. A cor na sua essência. E o perfume, ah o perfume era doce, mas suave, fresco! Bem como a textura das suas pétalas aveludadas, macias.

Esta árvore era a única que não havia sido plantada pelo meu pai, como haviam todas as outras árvores do nosso quintal. Ela já lá estava quando meus pais foram para esta casa viver. A única, majestosa, naquele lugar. Ainda jovem, meu pai, amante da natureza, colocava nome de pessoas conhecidas em tudo o que plantava. Era uma homenagem que fazia a alguém de quem gostava. E não sei se escolhia a pessoa a homenagear conforme o tipo de árvore ou planta, ou se estas vinham a assemelhar-se a esta pessoa. Mas sempre que olhava para uma delas, lembrava-me da pessoa a quem pertencia o nome. Um limoeiro com o nome de uma pessoa doce, e azedinha ao mesmo tempo. Uma palmeira esguia e alta como a pessoa de quem tinha o nome...

Lembro-me da minha mãe a rir do meu pai, mas não de deboche e sim de deslumbramento quando ele acariciava as folhas das

árvores e plantas e falava com elas com carinho. Ela dizia com um lindo sorriso no rosto: “*Que homem bobo!*”. Mas ela reconhecia a beleza da sua sensibilidade.

O Ipê amarelo não teve nome até eu nascer. Sem saber porquê, meu pai não conseguia encontrar um nome para homenagear. Já todas as lindas e muitas árvores plantadas por ele, que ali estavam, tinham nome. Inclusive outro Ipê, mas este, cor de rosa, tinha o nome da minha mãe.

Passados alguns anos, eu nasci, e neste dia, a árvore amanheceu revestida de flores com uma cor tao vívida que reluzia. Foi aí que ela recebeu o meu nome. E de uma maneira inexplicável, passámos a estar ligadas para sempre.

Ainda engatinhando, eu ia até ao seu tronco onde me agarrava e me punha de pé. Meus primeiros passos foram em direção a ela. Meu primeiro amor – gravei nela as iniciais. Assim como foi a ela que chorei e contei minhas decepções.

Quando fiquei adulta, fui morar para longe. Mas sempre que voltava para visitar minha família, dava um longo e apertado abraço na minha querida amiga. Minhas energias se renovavam. Saudades de mim, eu dizia a ela.

Tantas tardes de verão dormi à sua sombra, que me abraçava com sua brisa fresca. Tanto ar fui buscar junto dela quando este me faltava. Tantas vezes sonhei com ela quando estava longe. Uma vez li que as árvores possuem espírito. Não duvides de que a minha o tinha. Só não sabia que era parte do meu.

Quando meu corpo morreu, já cansado e com sua missão cumprida, minhas filhas, adultas, o cremaram e o puseram em cinzas ao pé do meu Ipê amarelo, como pedi ainda em vida.

Neste momento, minha alma, que vagueava em despedidas,

voltou e foi se alojar em seu novo, ou velho lar, passando ela e eu a estarmos completas. Éramos finalmente uma só.

Neste dia chuvoso de inverno, o meu Ipê amarelo, que estava desfolhado, amanheceu repleto de flores. Nada normal para aquela época do ano. E eram tão amarelas que o dia cinzento parecia ensolarado.

Foi a ele, desde então, que passaram as minhas filhas a recorrer em momentos de angústia, de alegrias ou de silêncio. Uma ou as duas, sentavam junto do seu estrondoso tronco, encostavam a cabeça nele e contavam tudo o que se passava. Às vezes, apenas sentavam lá. E sempre que o faziam, sentiam a minha presença.

Durante anos foi assim. Até que também elas ficaram velhinhas e vieram juntar-se a mim. Mas tinham que encontrar as suas próprias árvores para morar, assim como o pai tinha feito, e o meu, e minha mãe e todos da minha família. E enquanto elas procuravam, minha árvore foi cortada.

A casa, já em ruínas, havia sido vendida pelos meus netos. E a minha árvore, que parecia muito velha para eles, ainda floria e se mostrava presente e majestosa como sempre. Então, pediram aos novos donos que a conservassem. Foram embora de coração leve, pois achavam que a promessa seria cumprida. Mas não. Prédios seriam construídos e a velha árvore não poderia ali ficar.

Senti cada dente da serra que entrava em meu tronco. Mas a dor não era física. Era dor na alma. Como um grande aperto no coração. Não suportando a dor, saí da minha querida e amarela árvore.

Minha alma então foi para outra árvore. Pequeninha e verde. Mas ali estive por pouco tempo, pois era o momento de abrir espaço para outra alma ali viver. A minha iria habitar outro corpo que em vida teria uma grande missão: a de proteger as árvores e as almas que lá vivem.

## Zé Simão e a Sombrosa

*Sandra Freitas do Nascimento (2.º Prémio)*

Estudante da ESECS

A Vila de Amorosa, pequena e aprazível, quase não aparece no mapa. Situada numa região mineira, no sudeste do Brasil, com uma população simples e tranquila, nunca teve muitas histórias a contar.

Um homem, porém, caipira e emblemático, era conhecido por todos da Vila, por sua pitoresca personalidade.

Todos concordavam que, se houvesse um homem mais sossegado que o Zé Simão, já estaria no cemitério, pois calmo como ele, outro vivente não existiria.

Era a calma em forma de gente. Moroso até para falar, uma conversa com o Zé Simão passava de horas, mesmo que fosse um tema trivial.

Falava macio, demorando-se a alisar a palha do cigarro, raspando com calma o fumo de corda como se estivesse decidindo a sorte do mundo.

E afiava o inseparável canivete numa pedrinha que deixava sempre bem guardada debaixo da “Sombrosa”.

Sombrosa foi o nome dado à árvore que ficava bem perto da casa do Zé Simão – sua imensa e verdadeira paixão. Ele próprio a batizou com esse nome, pois a sua sombra era o seu recanto preferido. E não havia alguém que desconhecesse a Sombrosa do Zé Simão.

Sentar-se em baixo da Sombrosa todas as tardes, fumando seu cigarro de palha, ouvindo coisas que só ele conseguia ouvir, sorrindo de quando em vez – era a rotina sagrada do Zé Simão.

Quem o via assim, maroto e brejeiro, podia jurar que ele trocava segredos com sua árvore, pois não era raro vê-lo balançando a cabeça como se concordasse, satisfeito, com verdades que ninguém desvendaria. Segredos trocados com a sua amada e confiante árvore – Sombrosa.

Era um homem solitário, mas não sozinho. Tinha o carinho de todos que o conheciam. Sua história ninguém sabia ao certo, talvez a Sombrosa – quem sabe?

Sempre feliz e tranquilo, ao Zé Simão somente uma questão tirava o seu sossego: era saber que a Sombrosa não ficava nos domínios de suas terras. Isso o deixava amuado, pois era dono da árvore, mas não do lugar onde ela vivia.

Homem rude, simples era o Zé Simão, porém dono de um imenso coração. Sua pureza de alma era conhecida por todo o povoado.

Sua paz apenas corria perigo quando vinham à aldeia os “*doutores da cidade*” que ficavam medindo as terras com seus equipamentos complicados, de lá p’ra cá, de cá p’ra lá. Eram topógrafos e geógrafos, o povo dizia, mas Zé Simão não conseguia perceber o que isso significava. E não gostava nada de gente estranha rondando por perto da sua Sombrosa. Mas, como vinham, também iam e tudo voltava ao sossego natural.

À boca pequena, as pessoas mais informadas comentavam que esse vai e vem se tratava de novos tempos; o progresso chegando e trazendo novos benefícios como água encanada, eletricidade e sistema pluvial.

Modernidade!

Zé Simão coçava a cabeça atordoado, sem entender o que tudo isso significava. Ouvia sem compreender, olhava de lado, pigar-

reava, mascava um cabinho de capim e exclamava: “*ETA POVO!*”

E o tempo passava, sempre passa. E para o Zé Simão passava devagar, no seu ritmo tranquilo, típico de quem cultivava a paz e o olhar demorado p`ras coisas da vida. Não havia quem não gostasse de ver o Zé Simão, assobiando, em todas as tardes, a sua cantarola arrastada pelo sotaque caipira, apreciando a beleza pacífica do seu pequeno mundo, sorrindo de canto de boca e vivendo seus segredos da alma, em baixo da sombra amiga da sua companheira, a Sombrosa.

O povo falava, fazendo sua inocente chacota: “*Oia, que ainda é capaz de casar o Zé Simão e a Sombrosa!*”

E ele gargalhava. Gostava que falassem, apreciava o povo da sua Aldeia e amava muito, imensamente, a sua Sombrosa. Era feliz!

Incapaz de fazer mal a uma formiga, nasceu p`ra ser “*bão*” o Zé Simão.

E as novidades do povoado continuavam em torno dos “*doutores da cidade grande*”.

Falava-se muito num tal de açude que era necessário para a retenção da água pluvial, que seria canalizada para o abastecimento das áreas agrícolas. Era preciso represar a água das chuvas para garantir as plantações na época das secas. O verão chegava forte, prometendo sol ardente e o açude iria favorecer o abastecimento de água. Era o progresso e não “*tava mais de jeito*” contar apenas com os olhos protetores da Santa Padroeira do lugar.

O Zé Simão coçava a cabeça, pensava nessas novidades do mundo moderno, sorria desconfiado e corria p`ra debaixo da sua árvore tão amada, suspirando fundo e falando baixinho: “*ETA POVO!*”

O tempo corria no ritmo típico da Aldeia. E, numa tarde quente de brisa fresca, tudo parecia tranquilo como sempre até que, não se sabe como começou, mas, de repente, somente se ouvia isso da boca dos moradores do povoado: *“Mataram, meu povo. Mataram a Sombrosa do Zé Simão”*.

E aqueles gritos soavam num lamento, ecoando por todos os cantos do lugar.

O Zé Simão estava sentado lá no canto da praça, olhando p'ra imagem tão bonita da Padroeira do lugar, sorrindo sossegado. O sossegado Zé Simão.

Quando a notícia chegou aos seus ouvidos, todos viram o seu sorriso ir sumindo devagar. Seu semblante tranquilo foi se transformando num olhar perdido cheio de dor e sua expressão aterrorizada tentava entender o significado daqueles murmúrios. E devagar, levantou-se o Zé Simão. Seus passos trôpegos e perdidos buscavam uma direção.

Olhava emudecido para aquela sua gente e não conseguia perceber a real tragédia daquelas palavras soltas ao vento. Nada fazia sentido dentro do seu coração.

As pessoas o cercavam e diziam frases desencontradas. Cada um tentando, à sua maneira, proferir uma palavra de consolo.

*“É o tal do progresso, Zé. O açude, a modernidade, a seca, as plantações...”*

A Sombrosa ficava, exatamente, no meio do caminho traçado no planejamento das obras dos *“doutores da cidade”*. Iria atrapalhar a construção do açude.

Zé Simão não conseguia compreender a situação e suas únicas palavras foram: *“Mataram a Sombrosa? Não tinha outro jeito não? Derrubaram minha amiga sem nenhuma rendição?”*

E lá se foi... o tranquilo Zé Simão. As botas empoeiradas apertavam o seu pé. Ou seria o seu coração?

O povo o deixou ir. Não carecia dizer mais nada, não. Deixou ir sozinho o Zé Simão. Amargurado, levando a sua dor.

No dia seguinte, bem de manhãzinha, o povo todo em polvorosa. Vinha chegando a toda velocidade, erguendo poeira ao longe, o Seu Doutor Delegado, chamado às pressas no lugar.

O povo assustado tentava perceber os motivos de tanta pressa, algo inédito no lugar. A viatura policial se dirigia velozmente para os lados da casa do Zé Simão?! E as pessoas gritavam perguntando: *“O que aconteceu Seu Doutor Delegado? O que foi que houve com o Zé Simão?”*

E logo mais, tumulto e alvoroço no lugar. Não se ouvia outra coisa. E se espalhava nas casas, nas fazendas, nos lugarejos mais distantes, como se o vento fosse o portador da notícia tão chocante. O povo e seu falatório, contado e aumentado. A notícia se repetia persistentemente, como se precisasse ser ouvida muitas vezes para que a verdade derradeira fizesse algum sentido.

*“O Zé Simão, gente, pegou de uma espingarda e atirou nos doutores da cidade” que estavam acampados no sítio da sua árvore – a Sombrosa! Deu cabo dos três que deram a ordem p’ra derrubar a sua amiga de uma vida inteira.”*

O auge do progresso trouxe uma tristeza infundável. A paz e a alegria daquele lugar nunca mais seriam as mesmas. Uma sombra de amargura cobriu para sempre aquele lugar simples, de gente humilde, da Sombrosa, do Zé – o Zé Simão.

E passado o tempo, o tempo que apaga os adágios de qualquer lugar, ninguém mais falava na morte dos *“doutores da cidade”*. Havia um silêncio embaraçador, como se o não falar do assunto,

pudesse apagar o acontecido.

Porém, quem passasse na frente da cadeia distrital, podia ver um homem simples, tranquilo, silencioso, raspando seu fumo de corda. Sua face mostrava dor e certa interrogação. Seu olhar perdido buscava ainda uma explicação – não tinha outro jeito, não?

O povo tinha a certeza e seu Delegado também.

“ – *Não precisa grade não. Deixa estar que nunca foge o Zé Simão.*”

Sentado na calçada, tomando o seu sol diário, nunca falava nada o Zé Simão. Às vezes, um sorriso triste escapava dos seus lábios e o povo sabia: “*Pensando na Sombrosa, ô Zé Simão?*”

Dizia-se no povoado que, às vezes, muito raramente, alguém ouvia o Zé Simão. Sua voz macia, lenta, dolorosa e cansada, deixava escapar, entre dentes: “*ETA POVO!*”

E novamente calava. Calava o Zé Simão.

## As Árvores de Casa da Avó

*Cao Jingnan (2.º Prémio)*

Estudante do IPM-ESECS

Eu sou da China; antes de entrar na universidade, vivia com a minha avó. A casa da minha avó estava localizada numa vila na província Anhui, tinha três árvores: uma cerejeira e dois diospireiros.

Eu não sabia que a minha avó tinha tido uma cerejeira na casa, porque há muito tempo não havia nenhum sinal de que tivesse havido uma cerejeira lá. Um dia eu notei que existia uma cicatriz circular no chão no centro do pátio e perguntei à avó porque é que lá estava uma cicatriz. A avó disse: “Uma vez cresceu uma cerejeira com flores bonitas de cor-de-rosa; depois de as flores desvanecerem, frutificaram muitas cerejas doces. Antes de nasceres, esta cerejeira foi cortada, é claro que não sabes.” Fiquei um pouco surpresa e triste: “Ah?! Porque vocês decidiram cortar uma árvore tão bonita?” A avó explicou: “É um tipo de ‘Feng Shui’. Porque o pátio da nossa casa é quadrado, se plantar uma árvore no meio do pátio torna-se ‘encalhado’ (quadrado é “口” e árvore é “木” em chinês, junta os dois, torna-se “困” e significa “encalhado” em chinês), pode vir a trazer má sorte”.

Depois de ouvir, acenei impotentemente com a cabeça. Que lástima! Porque não nasci mais cedo? Se eu tivesse nascido mais cedo, talvez pudesse ver as flores rosadas no nosso pátio, pudesse provar as cerejas doces que me pertenceram pessoalmente.

Por causa de “Feng Shui”, a cerejeira bonita que eu nunca vi foi cortada.

A minha avó também plantou dois diospireiros. Na minha

vida, desde que passei a ter memória, tinha tido a companhia das duas árvores.

Eles foram plantados em frente da porta da casa. Na primavera, no ramo da árvore, os gomos pequenos verdes acordam; quando a temperatura se torna tornou-se mais quente, os gomos pequenos se tornam folhas verdes e existem as flores brancas entre as folhas verdes; dentro das flores brancas e pequenos, escondidos dióspiros pequeninos. Com a chegada do outono, os dióspiros verdes e pequenos tornam-se cada vez maiores e laranja, pendurados numa árvore como as pequenas lanternas.

Havia várias lagartas nas árvores, mas o meu irmão e eu não podíamos resistir à tentação dos dióspiros. Muitas vezes nós apanhávamos os dióspiros, correndo o risco de ser picados pelas lagartas. Buscávamos um pau longo, num lado do pau havia uma pequena rede fixada. Usávamos a rede pequena e púnhamos um dióspiro dentro, depois rasgávamos suavemente, o dióspiro caía na rede. O meu irmão e eu usávamos este método para colher muitos dióspiros. Quando o meu irmão e eu comíamos estes frutos que foram colhidos por nós próprios, ficávamos sempre corados, e a nossa avó sempre nos sorria. Naquela época, havia muitos dióspiros, e nós não conseguíamos acompanhar o ritmo de maturação dos dióspiros; muitos dióspiros maduros caíram na terra antes que nós os colhêssemos, por isso as frutas na terra se tornaram uma refeição deliciosa para formigas e pássaros.

Eu amava muito os dois diospireiros, amava os pequenos gomos da primavera, a sombra grande do verão, os frutos doces do outono, os ramos bonitos do inverno. Eu os amei tanto que eles se tornaram uma parte da minha vida que eu não pude me adaptar e aceitar por muito tempo depois que eles foram cortados.

Quando eu andava na escola secundária, um dia, quando eu ainda estava nas aulas, sentia um pouco de desconfiança, que algo mau ia acontecer. Assim, logo após a escola, corri de volta para a casa da avó, e, infelizmente, descobri que na frente da porta havia um vazio, e que as duas árvores tinham desaparecido, em seus lugares só havia dois tocos e um campo verde de folhas e ramos; era um caos. Fiquei estupefacta e chorei muito. O meu coração estava chocado, irritado e relutante.

Mais tarde, o meu pai plantou muitas flores na frente da porta onde viveram os dois diospireiros, e hoje essas flores já cobrem o rasto de diospireiros como se nunca tivessem aparecido. Quando eu estava mais crescida, o meu pai plantou outra cerejeira em frente à porta, que era pequena e magra, de pé lá, e sempre que eu a via, eu costumava pensar nos dois diospireiros exuberantes e fortes. Esta é a última palavra.

Mais tarde eu soube a razão, porque o dióspiro, que é homónimo de “morte” em chinês, plantado em frente à porta, também não é auspicioso. Então eles foram cortados. Outra vez por causa de “Feng Shui”, as minhas árvores amadas foram cortadas.

Não era culpa das árvores em si, elas eram simplesmente plantadas no lugar errado. Não era culpa com a crença em um “Feng Shui” bom na cultura chinesa, às vezes, as pessoas sempre acreditam que há um poder mágico entre o céu e a terra, e eu também acredito.

Não era culpa da avó que tomou esta decisão de cortar as árvores, todos querem um bom sinal de boa sorte. Agora, sou indiferente ao facto de a árvore de caqui ter sido cortada, sem a raiva e a mágoa daquele tempo, mas ainda sinto pena delas. Penso que, se essas três árvores ainda estivessem lá, elas deveriam continuar a ser

boas e quantas boas lembranças me trarão! Não consigo deixar de pensar em quantas árvores no mundo, entre o céu e a terra, foram cortadas ou estão a ser cortadas por essa razão!

Plantar árvores em casa, na posição certa e na espécie certa. Assim é com as árvores da avó, também é com as árvores da nossa cultura.

## Os Dias Mais Tristes da Aldeia

*Camila Coelho (3.º Prémio)*

Estudante da ESECS

Neste catorze de março o tempo está agradável. Apesar do calor, o sol não nos aperta os olhos, dificultando a vista, e sente-se uma brisa suave de vez em quando, só para ajeitar os ramos da Laranjeira e do Pinheiro.

A Laranjeira teve hoje o vizinho a tirar-lhe algumas das laranjas que já lhe pesavam nas costas, e sente-se mais leve. Gosta quando estamos entre o inverno e a primavera e o tempo está mais a seu gosto, mas as visitas do vizinho com a cesta ainda continuam. Todos os anos, pelo inverno fora até esta altura, o vizinho traz os filhos e netos para virem buscar uma cesta de laranjas cada um, o que a deixa muito feliz por todos estarem, com ela, a partilhar este momento de convívio. Para o Pinheiro, esta é a sua altura do ano preferida, depois do tormento que é o inverno. Passado tantos anos, já se habituou à tradição, mas continua a fazer-lhe impressão as luzes penduradas pelos seus ramos cada vez que começa a ficar mais frio. Vê que os outros vizinhos também o fazem às outras árvores, mas o Pinheiro não gosta nada. Sente uma comichão constante que lhe perturba o sono e o vento não alivia.

Apesar do belo dia, há algo que lhes afeta o descanso. Numa colina não muito longe de onde eles estão, ouvem-se as máquinas a trabalharem e os seus primos a caírem. Este mês tem sido assim quase todos os dias, pela aldeia toda. Longe ou perto, ao levantar do sol, estes homens trazem as suas máquinas e ficam o dia todo a fazer barulho, tendo uma pausa a meio, quando o sol mais incomoda.

– *Achas que ainda falta muito para esta barulheira acabar?* – pergunta a Laranjeira ao Pinheiro, depois de terem estado a manhã toda em silêncio. Gostava da sua companhia. Apesar da má disposição de vez em quando, ele era um bom amigo e conversavam muitas vezes.

Todos os dias agradecia ter crescido uma Laranjeira, e não um Eucalipto. Apesar de nascerem todos em família e perto uns dos outros, tinham uma vida muito atribulada. Só os invejava pela vista que deviam ter lá em cima. Como estavam numa colina, conseguiam ver toda a aldeia, todas as pessoas. Sempre que a Laranjeira ouvia pessoas a rir e música alta, perguntava-lhes curiosamente o que se passava. Após uma pausa para analisar os factos, eles diziam que num espaço aberto havia luzes e decoração, com pessoas a comer ou a dançar. Que pareciam felizes e divertidas. Esta descrição era o suficiente para a Laranjeira começar a mexer os seus troncos e ramos enquanto cantava ao ritmo da música.

– *Não sei, ainda vejo muitas árvores por matar.* – respondeu Pinheiro, num tom de desânimo. Não entendia porque os seus primos tinham de ser mortos. Os Eucaliptos eram o tipo de árvores mais felizes que conhecia. Naquela colina era sempre uma animação, faça chuva ou faça sol. Tinham uma perspectiva interessante da vida. Sabiam que estavam destinadas a acabar nas mãos dos humanos, der por onde der, mas que não seria por isso que não aproveitavam todos os dias. Cresciam e cresciam, mas a altura em que eram cortadas chegava sempre. Eram troncos muito unidos e determinados. E os seus rituais antes dos homens chegarem com as suas armas eram muito interessantes. Numa harmonia tão bem planeada que assustava, moviam os ramos em sintonia. Começavam do cimo da colina, criando um efeito de onda até cá

em baixo. Vinha música com o bater dos ramos e o cair das folhas. O sentimento nas suas expressões através do movimento era contagioso. Ele e a Laranjeira, secretamente, adoravam quando eles se despediam. Mexiam os seus ramos no final para lhes agradecer o espetáculo e diziam-lhes palavras doces com o “Adeus”.

A Laranjeira já os viu ressuscitar umas doze vezes. Fala de quando as netas do vizinho subiam aos troncos dos Eucaliptos e tinham guerras de monstros e super-heróis pela colina.

Construíam espadas com os ramos no chão das árvores, e traziam lençóis e almofadas para compor os seus fortes, nos pontos estratégicos do terreno. Os Eucaliptos estariam a mentir se dissessem que detestavam que as crianças para lá fossem. No fundo, contribuíam para as lutas, ao proteger os fortes da equipa menos talentosa, e amparavam quedas quando as netas se entusiasmavam com a altura das árvores. No entanto, elas foram crescendo, deixaram de batalhar umas com as outras, e já nem lá aparecem, deixando as construções aos verdadeiros monstros deste mundo.

Só ficam mais desanimados quando os homens vêm com as suas máquinas. Desde que eles chegam até que eles cortam a última árvore, é o inferno naquela colina. Ficam todas murchas e tristes, não cantam, não dançam, não falam por uma semana seguida e todas as árvores da aldeia ficam de luto por 3 dias.

– *Espero que não se demorem, este barulho dá-me dores de raízes.* – queixa-se a Laranjeira. Enquanto eles trabalhavam, Laranjeira e Pinheiro mal conversavam. Com os ramos encolhidos e o tronco imóvel, de vez em quando viravam-se para a colina para dar de conta com os progressos, mas mais nada. Sentiam-se fracas, influenciáveis, aproveitadas. Perguntavam-se porque é que os homens faziam aquilo, o que de tão mal havia nas árvores e por-

que estragavam a colina. Porque tinham de ser cortadas?

Quando finalmente deram por terminado o trabalho para aquele dia já o sol se tinha quase ido embora. O Pinheiro e a Laranjeira olharam para as árvores e estavam todas imóveis. Não se ouvia nem uma folha a cair, ou um ramo a mexer.

**Sara Cruz**

*Lápis e marcador sobre papel*

29X42 cm





## ESCALÃO 2 — DOCENTES

### Uma Árvore Especial

*Ana Rita Sequeira (1.º Prémio)*

Docente da ESECS

Amanhecia. O bosque da aldeia estava adormecido sob uma penumbra de nevoeiro espesso, no qual apenas se viam algumas árvores das inúmeras que existiam. Quem passava pelo estreito caminho de brita que ligava à cidade via um amontoado de casas ao fundo, todas em pedras. Recortadas umas pelas outras, lá se distinguiam robustas chaminés, também de pedra, a fumegar. Cheirava a terra molhada.

Era nessa estrada que caminhava Lourenço, um rapazinho cuja aparência não lhe dava além dos onze anos de idade. Talvez tivesse nove, ou dez. Ninguém sabe ao certo. Assim como ninguém sabe quando tudo isto aconteceu.

Lourenço caminhava em direção ao bosque perto da sua aldeia, pois acreditava que as árvores o ouviam. Estava até convicto que uma delas – por sinal, a mais antiga de todas – ouvia as suas pequenas orações e diálogos. Tal como se fosse uma pessoa. Lourenço não sabia se a árvore, de facto, o escutava.

Mas sabia, com mais certeza do que qualquer outra coisa no mundo, que ela tinha alma, assim como todas as outras em redor (talvez por isso lhe custasse tanto vê-las serem cortadas). Por isso, repetia aquele caminho todos os dias, pela mesma hora.

Porém, desta vez o caminho era especial, pois podia muito bem ser o último. Alguns dos homens da aldeia juntaram-se e tomaram a decisão de a abater, a fim de terem mais terrenos dispo-

nível para a construção de novas casas. Parece que aquele lugar estava destinado a desaparecer e isso fez-lhe deixar cair uma lágrima.

O tronco da árvore era largo e forte e as suas raízes subiam à superfície, moldando a paisagem. Ao lado dela ouvia-se água de um ribeiro que por ali que corria, meio escondido por entre arbustos e silvas.

A árvore tinha uma copa larga, cheia de folhas e, nos seus ramos, pairavam ninhos de passarinhos – aparentemente – felizes. A meio do tronco, e num recorte vertical, via-se um buraco oco, apenas com algumas teias no interior. Lá, Lourenço guardava uma caixa com os objetos que, para ele, eram mais valiosos: um desenho que fizera da sua família e o único livro que possuía, oferecido pela avó. Teria de os tirar dali e esconder noutra local, era certo.

Desde a morte dos seus avós que o rapazinho Lourenço passara a adotar uma rotina especial.

Levantava-se bem cedo e, antes mesmo dos irmãos, pais e vizinhos acordarem, caminhava até ao bosque e falava sozinho com aquela que era a maior e mais antiga árvore. Não sei bem quando foi que Lourenço começou a acreditar que falava com os seus avós, mas o facto era que estava convicto disso e, talvez por isso, lá encontrava a força necessária para cumprir à risca aquela rotina.

A única recordação que guardava deles era a da sua avó, sentada numa cadeira à beira da sua cama, a contar-lhe uma história para a adormecer. Era uma história de magia e outras fantasias que ele não apreciava muito e nas quais tinha dificuldade em acreditar. Porém, a sua avó sempre lhe dissera que a magia era real; que existia no mundo e que, entre outras coisas, podia ser encontrada nas árvores, nas pedras, na terra e nos livros.

Ora, foi neste dia de ida pelo bosque que Lourenço viu uma

ovelha aparecer por entre uma série de arbustos. A seguir a essa, outra apareceu e, num curtíssimo espaço de tempo, formou-se um enorme rebanho liderado por um solitário pastor que parecia conhecer todos os cantos da floresta.

- *Bom dia, rapaz* – cumprimentou o pastor.

- *Bom dia* – respondeu.

“*Que estranho... Eles têm de vir de algum lado*”. – pensou Lourenço.

“*Vou tentar fazer o mesmo percurso e descobrir aonde vou ter*”.

E assim fez.

Foi andando por entre os meandros do bosque, atento a tudo o que o rodeava. Primeiro, começou por entrar num estreito trilho de ervas pisadas e terra. Pé ante pé, lá caminhava e ia sentindo o toque de fetos e folhas nas pernas despidas. Um mar de fetos com eucaliptos a trepar por cima e um pequeno trilho pisado era a paisagem que se avistava. Continuava a ouvir-se água em redor, embora não se percebesse exatamente onde estava. Entretanto, o caminho de fetos e eucaliptos deu lugar a um pinhal escuro. E o pinhal escuro deu lugar a um bosque ainda mais cerrado, cheio de outras espécies que lhe eram desconhecidas. As árvores deviam ser tão antigas que os troncos sobressaíam no caminho e ocupavam-no. E, de repente, viu o ribeiro, já aberto e com uma pequena ponte de madeira tão velha que parecia poder cair a qualquer momento. Em cima da ponte distinguiu fezes de ovelhas.

“*Passaram por aqui. Se tanto o pastor como elas passaram por aqui, eu também consigo passar*”.

E assim fez. Ganhou coragem e, com todo o cuidado, passou a velha ponte de madeira.

O trilho desvanecia-se nas ervas, que já dominavam o percor-

so, e não parecia ir dar a nenhum lugar concreto. Andou mais um pouco e, depois de uma curva fechada à direita, lá avistou um enorme lago à sua frente. Tão grande e tão belo que parecia pertencer a outra dimensão que não aquela em que vivia. Em redor do lago via exatamente a mesma paisagem que via do caminho de brita que ladeava a sua aldeia: pequenas casas de pedra, recortadas por largas chaminés fumegantes.

Começou a reparar que as casas eram exatamente as mesmas. Via, até, a sua, mais ao longe. A única diferença estava nas cores daquilo que o rodeava. Eram mais vivas. E a terra era mais macia. E os cheiros mais intensos.

*“Não é possível”.*

Pensou.

*“Não se vê nenhum lago da minha aldeia.”*

Só havia uma maneira de desvendar este mistério. Ia tentar fazer o caminho de brita que ladeava ao lago, tal como se fosse o da sua aldeia. E faria exatamente o mesmo caminho que ainda há pouco fizera, até à árvore com que falava.

E assim fez.

*– Não sei se me ouves. Ainda há pouco falei contigo, avó.* – disse ele para a árvore.

*– Não sei como aqui vim ter, mas pareces a mesma árvore que está perto da minha aldeia. És mesmo? Consegues ouvir-me?* – Insistiu. Viu que também ela tinha um buraco. Porém, lá dentro não havia nenhum dos objetos que costumava esconder.

*– É claro que ela te ouve.*

Virou-se e viu que atrás de si estava o pastor.

*– Ainda agora o senhor estava a ir na direção oposta. Como é que já está aqui?* – perguntou Lourenço.

- *Calculei que, como menino curioso que és, viesses atrás de mim. Já agora, chamo-me Artur e sou pastor* – respondeu-lhe, estendendo-lhe a mão.

- *Lourenço* – disse o rapaz, devolvendo-lhe o cumprimento.

- *Disse-me que esta árvore me ouvia... Como é que sabe?*

- *Deste lado do mundo todos te ouvem. Todos te conhecem. Falas com ela todos os dias e ela responde-te. Mas ainda não aprendeste a ouvi-la.*

- *E como é que o consigo fazer? É sabido que as árvores não falam.*

- *A natureza tem a sua própria voz e o seu próprio ritmo. Tudo o que dizes e fazes espelha-se de alguma forma no mundo. Tal como a água deste lago espelha o que está em seu redor. As nossas ações têm impacto no mundo que nos rodeia.* – dizendo isto, o pastor começou a dar a volta para se ir embora.

- *Por favor, senhor, não vá já* – pediu Lourenço. – *Fiquei ontem à noite a saber que planeiam cortar uma parte do bosque, incluindo esta árvore. O que devo fazer? Não sei como impedi-los.*

- *Segue o trilho em frente, em direção à aldeia. Quando encontrares uma casa de pedra brilhante e telhado avermelhado, bate à porta.*

- *Não são todas assim? De granito e telhado avermelhado? Como saberei qual é a certa?*

O pastor pôs-se em andamento sem lhe dar qualquer resposta. Lourenço lá foi, à procura da dita casa. Pelo menos o caminho não era longo.

Ia olhando as casas em redor e todas elas lhe pareciam normais. Porém, uma chamou-lhe a atenção, talvez por ter um brilho mais intenso. “*Tem de ser esta*”, pensou.

Bateu à porta.

– *Está cá alguém?* – perguntou o rapaz.

– *Mas que raio... Quem será agora?* – ouviu-se uma voz velha resmungar.

A porta abriu-se e Lourenço viu uma senhora de idade à sua frente, que não lhe era totalmente desconhecida.

– *Lourenço?! –* inquiriu ela.

– *Sim, sou eu... A senhora faz-me lembrar alguém... Por acaso já nos encontrámos alguma vez?*

Os olhos da senhora iluminaram-se com o brilho de quem encontra alguém que não via há muito tempo.

– *Lourenço, meu querido. Eu sou a tua avó. Não te lembras de mim? Costumas falar comigo todos os dias pela manhã.* – disse, emocionada.

– *Mas...avó, pensava que já não existias...Pensava que moravas dentro daquela árvore.*

– *Meu querido neto, eu vivo no teu coração. A árvore é especial, sem dúvida. Mas é o significado que lhe atribuis que a torna ainda mais especial, entendes?*

– *Então, e se a cortarem?*

– *Cortar uma árvore é um ato cruel, tens razão. Contudo, a natureza é mais forte do que os humanos. Uma árvore pode desaparecer, mas outras ao redor nascerão. Tudo se transforma e adapta, compreendes?*

– *Então não vais desaparecer?*

– *Nunca, meu querido neto. Podes vir visitar-me quando quiseres. Até já conheces o caminho.*

Foi com emoção que se abraçaram. A conversa com a avó deralhe um certo alívio. Ela não desapareceria da sua memória e do seu coração, disso tinha a certeza.

Seguindo o conselho da avó, Lourenço regressou a casa pelo caminho de onde viera, nunca olhando para trás. Deixou de avistar o lago, passou pela ponte, pelo bosque cerrado, pelo pinhal e pelo mar de fetos. Já se encontrava no caminho de brita com vista para a aldeia verdadeira quando olhou para a velha árvore. Sabia que era a última vez que o fazia.

Claro que a árvore acabou por ser cortada, dando lugar a mais casas de pedras com chaminés fumegantes. Lourenço também tentou encontrar o caminho das ovelhas nos dias seguintes, mas nunca mais o encontrou.

## Um Silêncio que fala

*Filomena Carvalho (2.º Prémio)*

Docente da ESTG

### *Para o Lucas e para a Bianca*

É possível num abraço a uma árvore sentir a vida que dela brota? Eu acredito que sim... Podes não acreditar, mas sabes que eu um dia até parece que o senti mesmo?! Experimenta abraçar uma, mas tem de ser com muita força e... Verás. Uma vida feita de anos a crescer, no silêncio, em cada dia e em cada noite, debaixo do sol e da lua, com o céu estrelado ou com nuvens.

A árvore transporta em si imensidão e simplicidade. É abrigo e acolhimento. Em frente à minha casa, tenho árvores frondosas que cresceram devagarinho, sem se notar e aos poucos cobriram a vista da torre da Igreja... Assim, de repente, no silêncio, sem barulho impuseram-se sem se imporem porque estiveram connosco todos os dias, sendo nossa companhia e nossas vizinhas!

E as cores de que são pintadas? Sabes, por vezes dou comigo a observá-las... A cor verde que parece igual, mas que tem tantas tonalidades diferentes! E quando chega o outono? A policromia de cores é capaz de espantar o olhar até dos mais desatentos: o vermelho, o castanho, o amarelo... As árvores oferecem-nos quadros verdadeiros lindíssimos, já tinhas pensado nisso? São tão lindas as árvores! Gostava que reparássemos mais nelas para com elas aprender.

Elas gritam nesse silêncio com que falam e pedem-nos que as estimemos, que cuidemos delas. Elas são vida e dão vida. Algumas dão fruto mas todas dão sombra, e é vê-las a desenhar figuras

engraçadas no chão. São amigas das nuvens que também fazem desenhos mas no céu. É tão bonito pensar que todos os dias, em todos os momentos as árvores dão sombras diferentes porque todos os dias crescem um bocadinho! E, não esqueças que com a sua sombra podemos refrescar-nos do sol quente do Verão.

Acolhem também os passarinhos e protegem os ninhos... São a companhia dos pequenos ovos e as primeiras a ver crescer os pequenos passaritos que com o seu bico se apressam para uma nova vida.

Não sei se já plantaste uma árvore... Eu já plantei várias quando era criança, agora em adulta já não planto tantas e sabes porquê? Porque dizemos que não temos tempo, mas não é totalmente verdade porque se nós quisermos podemos ter tempo para o que é importante. Eu acho que plantar árvores é muito importante. E tu?

Quando era criança eu e a minha família divertíamo-nos muito quando plantámos as nossas árvores e olha que foram muitas!... Plantámos castanheiros, eu gosto de castanhas, mas as minhas duas árvores preferidas são os sobreiros e os carvalhos. Qual é a tua árvore preferida?

Temos tanto a aprender com as árvores. Tu gostavas de ser árvore?

## A Árvore Desafiadora

*Inês Cardoso (2.º Prémio)*

Docente da ESECS

Falhou a luz. Falhou a internet. Falhou tudo. Falou o ministro na televisão e disse que íamos ficar em casa.

Confesso que, a princípio, fiquei contente com isso: dormir até querer, não ter hora de dormir, fazer o que me apetecer. Mas não me lembrei de que os pais ficariam connosco também.

Os meus pais são ambos professores e estão, dizem, em tele-trabalho; é uma espécie de trabalho como a televisão, à distância.

Os meus irmãos estão como eu, ora pois. A sorte, quando nasce, é para todos. Acho que era o sol, mas, “basicamente”, eu queria dizer que calha a mesma sorte a todos. A minha mãe já notou que eu, sozinha, uso mais “basicamente” num dia que ela num mês, e que nós os três, eu e os meus dois irmãos, só não ultrapassaremos a média aceitável de “basicamente” porque o meu irmão mais novo só tem um ano e meio e tomara ele dizer o que é básico. Esse, sim, sabe o que é essencial (segundo ela).

Nunca estive tanto tempo em casa com os meus pais. E com os meus irmãos. Tanto tempo significa três dias, até agora. Ao terceiro dia, nenhuma epifania, nem renovação, nem Páscoa da ressurreição (essa está próxima e, pelo andar da carruagem, vai ser caseira – a Páscoa! A ressurreição eu não faço ideia!). Excluo dos três dias o sábado e o domingo porque esses já eram dias de estar. E de comprar, e arrumar, e limpar, e trabalhar, e cozinhar muito, e às vezes sair e visitar ou de receber visitas (e limpar outra vez). Os meus pais estão sempre a fazer notar que o descanso é vital, mas não os vejo a descansar muito. A minha querida e misteriosa

professora de Português não gostaria de tantos “e”. Acho que ela e a minha mãe são almas gémeas.

Que faço agora? Que faço aqui? O meu pai respondeu-me que eu sou uma filósofa em potência. Pois é, estas perguntas não são só de retórica aqui. Eu fi-las em voz alta (já me arrependi) e o meu pai abriu-me a porta da cozinha, chamou-me, trouxe-me para aqui (já vão perceber onde é) e atirou:

*- Estás a ver quantas árvores estão quietas? Vai perguntar-lhes o que fazer.*

Entrou, fechou-me a porta na cara (terá sido mal-educado o meu pai) e deixou-me aqui no jardim e no quintal. Felizmente os cães vieram logo ver-me. E os gatos. Mas hoje não me apetece conversar com eles.

Estou entediada.

Que faço agora? Que faço aqui?

Há um vírus à solta e a humanidade lembrou-se de cuidar da saúde e encerrou-se em casa. Tem de ser e o que tem de ser tem muita força. Em casa, quieta, diz que ajudo mais os médicos e as outras pessoas. Sentei-me debaixo da macieira e lembrei-me daquela história da árvore que era generosa. A minha macieira já é generosa há alguns anos, porque o meu avô plantou-a há muito tempo, acreditando que nunca faltaria quem comesse as maçãs.

Será que o meu avô também teve esperança de não faltar quem se sentasse a descansar à sombra da macieira? Já sei; vou telefonar-lhe e perguntar. Ah, não posso agora, porque o meu pai vai dizer que ainda não estive tempo suficiente no jardim para gostar dele. Já sei: não me vai emprestar o telemóvel. A minha mãe diria:

fica tranquila que vais ligar na hora certa. A minha mãe acredita em horas certas, em certos sinais. Curioso é que nem sempre

ela usa relógio. A minha mãe diz que o melhor relógio a bater para dar as horas é o coração: também bate e dá as horas certas disto e daquilo. A minha mãe diz. O meu pai é que escreve poemas, mas a minha mãe, embora não saiba, às vezes manda umas frases poéticas.

Caramba! Macieira generosa, não! Agressiva! Olha agora, uma maçã cair-me em cima da cabeça! Já não pode uma pessoa estar sossegada debaixo duma macieira?

Ia jurar que tive resposta afirmativa... da macieira (até tenho medo de o dizer). Efetivamente!

*– Não estás a falar sozinha, mas comigo, a tua macieira.*

Abri muito os meus olhos e a minha boca de espanto, deixei cair a maçã, as maçãs do rosto perderam a cor rosada, e fiquei sem fala por um tempão. Um minuto, para aí. No meu caso, já é considerável.

*– Eu já cá estou há muito tempo e esperava quem me ouvisse. Tu és capaz.*

*– Eu sou capaz de ouvir?*

*– És! Eu sei que, por vezes, os teus pais e professores dizem que ouves de menos e falas de mais e que isso está um pouco desequilibrado, tendo em conta que tens duas orelhas e uma só boca. Mas não é por acaso que a tua boca é rasgada e as tuas orelhas, pequeninas.*

*– Uma árvore que fala e, ainda por cima, que goza comigo?*

A menina encheu-se dos seus treze anos de experiência e de saberes feitos de mais do que experiência, pois já tinha lido umas quantas coisas, e encarou a árvore desafiadora. Os raios de sol iluminaram os ramos, as maçãs pareceram ainda mais verdes e até as mais pequenas sobressaíram. Impossível zangar-se com tão amável criatura produtiva e fértil, iluminada pelo astro-rei. Não

podia ser ingrata pois há muito que comia daquelas maçãs.

A árvore confessou-me que há uma linguagem da natureza e que alguns humanos vão despertando para essa escuta. A minha incapacidade aparente de menor escuta parece, afinal, ser só uma ilusão. Parece que às vezes não escuto, mas é porque tenho vozes na minha cabeça a quererem ser escutadas primeiro. E só a minha professora de Português acha isso bem, já que nunca me falta que escrever. A minha mãe adora ler o que escrevo também e está sempre a puxar por mim para eu contar mais dessas vozes não trabalhadas, aprendeu ela com a sua amiga poeta (aparentemente, a minha vida deveria ser cheia de poesia).

Nem só de poesia vive o Homem, diz o meu pai, mas a poesia representa, seguramente, uma grande parte da vida que se vive. Às vidas que se arrastam, digo: pode haver falta crónica de poesia nelas.

O que é a poesia, afinal? Dizes-me tu, árvore curiosa, uma vez que o meu pai não esclareceu nada?

*- É teres um dia de sol e gostares dele. Mas é estares ao sol e lembrares-te da chuva também. E encontrares motivos sozinho para te rires. E para chorares. A poesia é uma caixa de Sísifo. Eu sei, este Sísifo, de quem tu nunca ouviste falar, não tinha uma caixa, mas, se ele parasse o caminho constante dele, sonharia ter e nela guardar as suas sabedorias temporárias. Como, porém, é um eterno caminhante, essa caixa está sempre em movimento. A caixa dele é a sua cabeça. Parece que o caminho nunca o leva a lado nenhum, mas ele não desiste de caminhar. Quando caminha sem consciência, é absurdo. Quando tem consciência disso, mais absurdo é, mas ri-se e escolhe continuar. E porque escolheu, ri-se mais. E empurra a sua pedra com mais força e convicção... até com paixão.*

– *Realmente não entendo. Esse Sísifo anda a empurrar pedras? Qual o sentido disso? Então, macieira-mor (és a maior do quintal), estás a dizer que devemos estar sempre em movimento? É irónico, porque, afinal, estás sempre parada.*

A macieira podia ter ficado ofendida, mas isso não aconteceu. Convidou a menina a estar sossegada, a lavar a maçã e a comê-la e a ficar ali mais tempo.

– *As tuas maçãs são boas – aligeirou. — Nunca ficas preocupada se as maçãs que dás não vão ser boas? Eu fico preocupada se não vou ter boa nota nos testes e se não vão gostar dos meus textos e dos meus trabalhos.*

*Fico com receio de já não me acharem tão inteligente.*

– *Gostas de escrever e de estudar?*

– *Às vezes, sim, e às vezes, não.*

– *Pois é, não estás sempre igual, verdade? Eu também, aparentemente parada, estou sempre em movimento e, por isso, as minhas maçãs não são sempre iguais e não são sempre saborosas. Vai haver quem goste e quem as rejeite. E vai haver quem prefira peras, laranjas, romãs, morangos. Há muita fruta no quintal para colher. E hoje, ainda, agora, apetece-te uma maçã. Mais logo, um pêssego. Vou eu angustiar-me por causa disso?*

– *Acho que estou a entender-te. Tu fazes o que tu vieste ao mundo fazer. Estás parada e em movimento, como é da tua natureza. E não podes dar laranjas ou outra fruta qualquer. Nem a fruta que tu dás te representa inteira e não é sempre igual. Está sempre tudo em mudança. Olha o mundo agora, com decisões dos adultos cuidadores a toda a hora, atualizadas ao minuto.*

– *O Sísifo também carrega a pedra ao minuto. Sempre. Isso já deixou de ser notícia. É a condição dele.*

*- Estás a querer dizer que nós somos como esse Sísifo?*

*- Eu estou a dizer que nós temos a nossa própria natureza. Sabes o melhor que eu ambiciono fazer na vida? Sabes qual seria mesmo o meu sonho?*

*- Ser macieira num jardim nobre e real, visitado e admirado por milhares de pessoas?! Ou... seres laranjeira?*

*- Nada disso. Estou contente a dar-te a ti e à tua família as minhas maçãs. O meu sonho é a minha vida: as raízes na terra e a copa ao alto. E criar-me e conhecer-me, sem querer ser aquilo que não sou. Laranjas? Dê-as a laranjeira que as quiser dar!*

E assim ficaram toda a tarde entretidas, quietas, menina e macieira, neste diálogo que a mãe diria poético. A menina surripou um caderninho à mãe e correu de novo para o jardim. Ficou com a macieira a escrever. A macieira agitando docemente as folhas com a brisa da ria. A menina, sossegada pela calmaria da rua.

E escreveu esta história e este diálogo. Viu que misturou vozes, mas achou isso genuíno. E depois releu e ficou a pensar se esta escrita seria como a caminhada de Sísifo: absurda. Ou cheia de sentido. Acreditou nesta segunda hipótese e não apagou.

## A Árvore da Sorte

*Rui Matos (3.º Prémio)*

Docente da ESECS

### *An Irish Blessing*

Habitualmente escolhida para um marcante encerrar de concerto, a oração irlandesa não deixou, uma vez mais, os seus créditos por vozes alheias. Mais discretas ou completamente despu doradas, várias gotas salgadas marcaram presença em muitos dos rostos dos assistentes. Na verdade, a poderosa e, simultaneamente, gentil combinação de letra e música levava, invariavelmente, a este aquoso desfecho. O convite ao reencontro e o apelo indireto a Deus para que nos guarde, até lá, na palma da sua mão, facilmente abrem os diques faciais de quem, quotidianamente, raramente se concede uma libertação de emoções contidas.

Esta noite, contudo, algo de diferente acontece. Desta vez, alguns dos membros do LOVE (*Loudly Our Voices Emerge*) Choir, em aparente sintonia com a audiência, esquecem a sua postura profissional e, como *Susannah, they cry a river*.

Choram por Sofia, apanhada à má-fila por um bando de traiçoeiros caranguejos. Antecipam o constrangimento de quem, num próximo concerto, inevitavelmente se destacará pelo implacável outono capilar.

O momento não é fácil, mas a vida continua. Dois pirralhos saltitantes não deixam alimentar o desalento. A noite de Natal aproxima-se e a árvore anseia por traje de gala. Como habitualmente, a correria desenfreada e a vontade de ver a tarefa concluída dos pequenitos sobrepõem-se a qualquer assomo de esmoreci-

mento. Miúdos e graúdos entregam-se à labuta e, em pouco tempo, o pinheiro nórdico engalana-se para mais uma época festiva.

Este ano, porém, a garbosa árvore tem um significado adicional. O maestro do coro de Sofia pediu-lhe que reservasse um espaço generoso para... treze lembranças que ele lhe faria chegar oportunamente. Disse-lhe que, para ele, o número 13 era um número de sorte. Tinha um especial fascínio pela cultura e civilização maias e estes acreditavam na existência de 13 fluxos de energia, potenciadores da criação de todas as coisas e da harmonia universal. Além disso, disse-lhe, Cristo mais os apóstolos eram... 13, isso mesmo! Eles próprios, coralistas, eram 13, sendo igualmente 13 os seus filhos. Como se não bastasse, há 13 anos que o coro existia e, pasme-se, tinham percorrido... 13 países nas digressões que fizeram.

Sofia, embora não crente, rendeu-se à força dos números, enternecendo-se com este gesto. Obviamente, deixou uma clareira da sua velha árvore em pousio. Treze suportes aguardariam o momento de entrada em cena.

Este ano, para além de símbolo de festa e celebração, o pinheiro da casa de Sofia será, também, marca de esperança e oráculo de cura.

Antevéspera de Natal. A tradição, para o LOVE Choir, ainda é o que era.

Concerto de Natal.

A entrada em palco, igual a todas as outras.

Pasta de partituras na mão esquerda. Sopranos à frente, contraltos na cola, tenores na peugada, baixos a fechar.

Farpela praticamente igual mas com toque inovador.

Boina. Todos de boina.

Maestro é um de todos.

Sofia sorri. Por fora e por dentro. Se lhe dói o estômago, a alma não deixa que se manifeste. Se o corpo lhe pede purga, o espírito manda-o bugiar. Se, nos últimos tempos, mais se sente em permanente travessia para as Berlengas, hoje, de vento, nem um bafo e o mar está mais chão do que nunca.

“*Tragam boina*” – pedira o maestro, no derradeiro ensaio para o natalício espetáculo – “*e atem-me como deve ser esses cabelos*”. Se a estupefação durou dois segundos, já foi muito. O entrecruzar de olhares que se seguiu, com final convergência em Sofia, disse tudo.

Um por todos, todos por Sofia. Com Sofia. Como Sofia.

“... *and until we meet again, until we meet again, may God, hold you in the palm, of His hand!*”

Aplausos. Muitos aplausos. E lágrimas. Muitas lágrimas.

O maestro pede ao coro que agradeça, dando sinal inequívoco para que a curvada reverência se faça acompanhar pelo retirar da boina. Retira-se do palco, deixando ao coro o seu momento de glória.

Sofia inquieta-se. Julgava ter percebido a intenção do maestro ao pedir para todos levarem boina mas, perante isto...

Pensara não ter de se expor. Não neste momento. Não ali. Não agora.

Em desespero, o seu olhar procura o do maestro, mas este, à entrada do palco, parece evitá-lo.

Rendida, retarda o mais que pode o desnudar da sua calvície.

O rumor da assistência confirma o seu receio.

Ruborizada, soergue-se lentamente. Dirige o seu olhar para a assistência, certa de ser o foco dos seus olhares.

Surpresa. Muitos dedos apontam, mas a direção em que o fazem diverge significativamente.

Sofia roda a cabeça para a sua esquerda. Depois, para a direita.

Doze cabeças carecas acompanham-na.

O maestro, sorridente, regressa. Ainda traz a sua boina mas, agora, é a sua vez de agradecer ao público.

Treze. O número da sorte.

Feliz Natal!



## TEXTOS EM VERSO

**Ana Conceição**

*Caneta sobre papel*

29X42cm





## ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

### Árvore Infinita

*Luna de São Pedro Silva (1.º Prémio)*

Estudante da ESECS

Descoberto.

Nu.

Faz-se do escuro algo novo nascer  
Quando o solo se abre,  
para novos caminhos,  
com milagre de vida aparecer.

À noite veem-se  
Os sonhos nas estrelas,  
E no escuro da madre  
Novas famílias.

O ciclo de vida,  
Que vivem os que vivem,  
Deixa esquecer  
Os males do passado,  
E dá esperança  
Para quem a quer.

Um fruto na mão  
Contém  
Infinitas Gerações,  
Para quem as vê.

Mas mesmo um milagre  
Não pode convencer  
O mais duro dos corações.

Abram-se os caminhos de vida  
Em mim,  
Como riachos que podem  
Preencher-me  
Sem afogar o que há  
De melhor no meu ser.

Sou árvore infinita,  
Plantada no solo  
Da mais bela  
E mais humilde  
Canção de Amor.

## A Árvore da Maldição

*Rafael Alexandre Duarte (2.º Prémio)*

Estudante da ESECS

A árvore da maldição,  
A árvore que gerou luto,  
A árvore da perdição,  
A árvore que deu o fruto.

O fruto proibido,  
Que nos fez sofrer.  
O fruto apetecido,  
Que prometia poder.

As suas raízes,  
Profundas e corruptas.  
Raízes amaldiçoadas,  
Raízes envenenadas.

Envenenadas pela cobra,  
Envenenadas pelo Diabo.  
Será esta a sua obra?  
Ou o nosso fado?

## Aquela Árvore

*Diogo Manuel Lopes de Sousa (2.º Prémio)*

Estudante da ESECS

Quando olho para ela  
Parada, quieta...  
Silenciosa aos horrores, poeta;  
Menina bucólica que levou por tabela.

Quando olho para ela  
Sentida, distorcida.  
Paralela às vias alcatroadas,  
Vendo terrores todo dia.

Ela, só dela, pelas  
Saudades corrompida.  
Entre espasmos e aguarelas  
Jaz incompreendida.

As pessoas passam  
Os carros avançam;  
Ela no tempo parada  
Dança e dança, no solo caiada...

## Se eu pudesse...

*Beatriz Duarte Silva (3.º Prémio)*

Estudante da ESECS

Ah, se eu pudesse...  
Se eu pudesse igualava-te ao jasmim  
e à árvore do meu jardim,  
sendo tu o sol que há dentro de mim.

És perfeição e inquietação,  
na qual se ama sem fim  
o meu coração.  
Tens aroma do alecrim!

És beleza e delicadeza,  
há de ti raízes em mim,  
com toda essa tua riqueza.

Transbordas-me assim!  
Ah, se eu te pudesse igualar  
à árvore do meu jardim...

## A Árvore da Vida

*Inês Costa (3.º Prémio)*

Estudante da ESECS

A árvore que ascende em direção ao céu  
Em perpétua evolução  
Protege a terra com um véu  
É, e será sempre a maior criação.

Com as suas cores deslumbrantes,  
E a sua fragrância aromática  
Encanta até os olhares distantes,  
Aquela figura tão enigmática.

No seu sossego harmonioso  
Fica quieta durante anos,  
Dança com o vento silencioso  
Observando a vida dos seres humanos.

Com a fruta fresquinha,  
Dá isso e muito mais  
E no meio da sombrinha  
Passam-se momentos abismais.

Serve de abrigo às aves  
Fornece madeira, cortiça e pigmentos  
Ouve os nossos choros suaves,  
É testemunha de inúmeros lamentos.

Comparo a árvore ao ser humano,  
Cresce e ali vive silenciosa,  
Neste habitat tão mundano  
Curando a nossa vida defeituosa.

Muitas vezes desvalorizada  
Às vezes nem importância tem  
Mas a árvore é caracterizada  
Como sendo a nossa mãe.

Mãe do oxigênio,  
Mãe da fruta acabada de nascer,  
Mãe de toda a nossa vida,  
Mãe esta que nos faz crescer.

Cada ramo é uma história  
História essa que tem para contar  
Na sua longa trajetória  
Que faz de nós o seu próprio lar.

Na sua paz e harmonia  
Providencia as nossas necessidades  
Reduz as doenças e o oxigênio cria  
Árvore esta cheia de qualidades.

Vamos cuidar das árvores  
E fazer a diferença,  
Lutar por estes primores,  
Plantar a vida e não deixar morrer a crença.

## Na Copa da Árvore

*Rafael Alexandre Duarte, (Menção Honrosa)*

Estudante da ESECS

Na copa da árvore  
Vemos a verdade.  
No topo da montanha  
A realidade.

Retiro-me deste mundo  
E sucumbo,  
Sucumbo num segundo  
Em que me iludo.

Lembro-me dos dias em que sonhava brotar  
Como uma semente deseja germinar.  
Hoje, tenho raízes que me prendem ao passado  
Uma vontade de voltar aonde fui criado.

No tempo em que era um rebento  
sem ramos.  
Levado pelo vento  
sem planos.

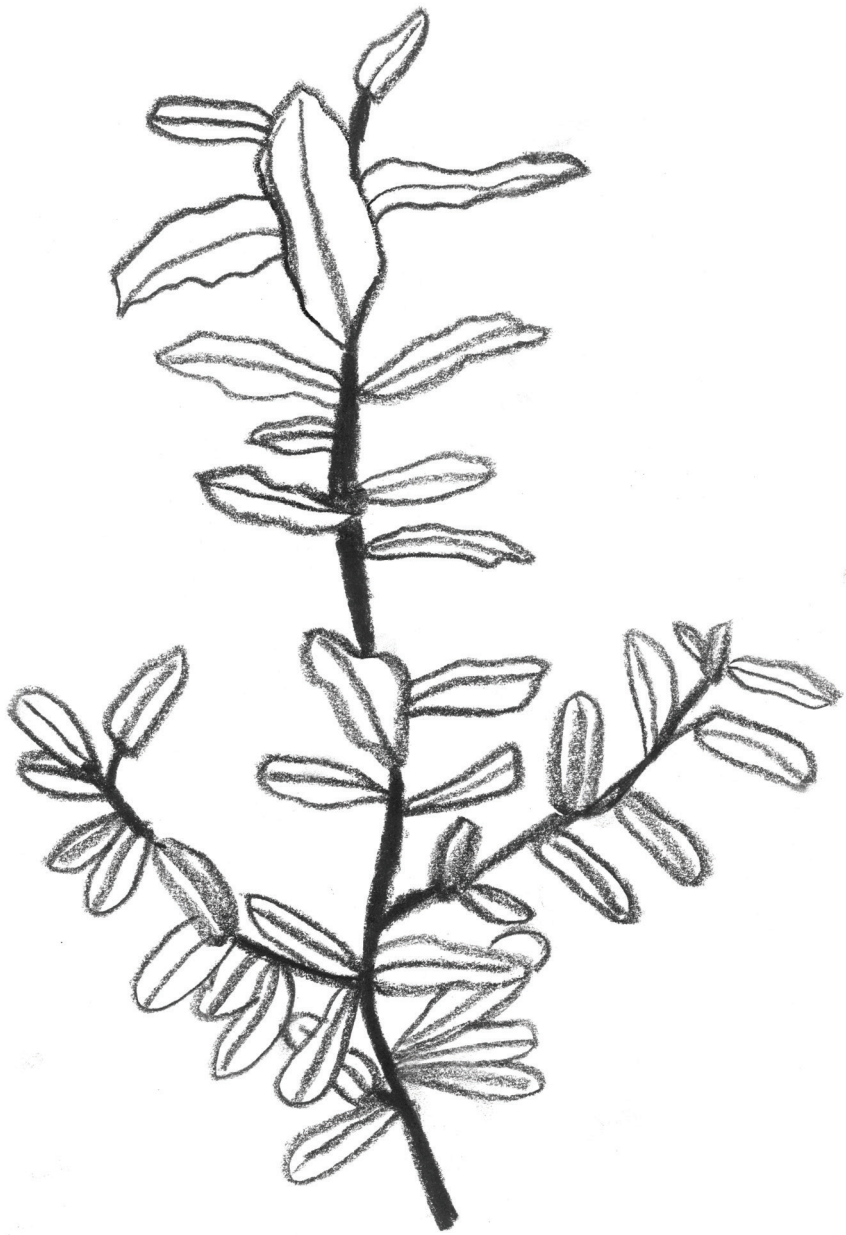
Agora colho o fruto  
Da semente plantada.  
Tornei-me mudo e surdo  
Nesta sociedade desalmada.



**Vicente Faria**

*Pastel seco sobre papel*

29X42 cm





## ESCALÃO 4 – ALUMNI

### A Árvore em Ti

*Ricardo Fonseca (1.º Prémio)*

Alumni da ESSLei

Olha para ti com tempo e atenção,  
Para cada e todas as partes de ti,  
Alicerçadas com firmeza neste chão,  
Olha novamente, uma e outra vez,  
Reparando na forma como te sustentas,  
Qual árvore vigorosa a emanar do chão?  
Será que consegues sentir as tuas raízes,  
Segurando e nutrindo o teu corpo e ser?  
Será que consegues ver o majestoso caule,  
Que te permite movimentar e fortalecer?  
Talvez não consigas ver a árvore em ti,  
Certamente não reparas em ti com atenção,  
Que tu és uma árvore da cabeça aos pés,  
E teus braços os ramos que te fazem sentir,  
O abraço de outras árvores tuas irmãs,  
Que te abraçam e querem contigo nutrir,  
A mais bela relação de amor neste viver.  
Olha novamente para ti com mais cuidado,  
Repara que algo te liga mesmo ao chão,  
Enraizado com firmeza está o teu belo sentir,  
Vigoroso e fortalecido é o caule do teu corpo,  
Que te permite mover, sem de ti fugir,  
Nutrido pelas várias raízes da emoção.

Teus braços são os longos e fortes ramos,  
Que te ajudam a tocar o viver de outro alguém,  
Majestosas são as tuas folhas, quais emoções,  
Que irão brotar nas flores do teu ser,  
Nessa grandiosa árvore que tu realmente és,  
Nesses segredos que encantam o teu ser.  
Há realmente uma árvore dentro de ti,  
Com raízes sedentas do teu encantador sentir,  
Sendo urgente que sejas água e alimento,  
Da árvore que em ti escolheu nascer,  
Pois tu és mais que um corpo que se move,  
És a árvore que existe em ti!

## Raízes da Vida

*Alexandra Albuquerque (2.º Prémio)*

Alumni da ESECS

Uma onda de sensações atravessa-me,  
O vento sopra uma aragem fina,  
O meu tronco oscila,  
Dou por mim perdido no tempo,  
Os anos perderam-se,  
O meu corpo enrugado encolhe-se,  
Levo as mãos à cara,  
Sinto a pele engelhada,  
Cheia de raízes de histórias,  
O vento sopra,  
O eco alcança os meus ouvidos,  
Mas não reconheço a voz,  
O vento traz de leve a semente até mim,  
“Pai está na hora”,  
E por momentos relembrei-me,  
Os anos que se perderam,  
Num vislumbre de olhos,  
As sementes caíram,  
Romperam a terra,  
Alcançaram a luz,  
Vimos o fruto do nosso amor,  
E, hoje vejo o belo jardim que criamos.  
Esta na hora dizia o nosso fruto,  
Quem me dera que estivesses aqui,  
De pernas trementes movo-me,

Abandono a janela e saio,  
Saio do quarto onde pela última vez te vi,  
Voltaste à terra,  
Está na hora,  
Está na hora de ver o belo jardim que criamos,  
Está na hora, vou conhecer o nosso neto.

## Raízes da Minha Infância

*Cheila Roça (2.º Prémio)*

Alumni da ESECS

Desde que nasci  
Sempre te conheci  
Tu és e serás a árvore  
Mais bela do meu jardim  
Aquela que me alimentava  
Pois junto de ti  
Comecei a escrever  
E nessas linhas encontrei  
Alimento para a minha alma  
Teu troco imponente me amparava  
Pelos teus ramos entravam raios de sol  
E neles via meus cabelos louros  
Ganhar outra magia  
A minha alma logo viajava  
Para o mundo das letras e das cores  
E aquela menina tímida  
Logo começava a imaginar  
Mundos de magia e alegria  
Onde mais feliz andava  
Nas tuas flores apagava minhas tristezas  
E por breves instantes era feliz  
Em tuas raízes gravei  
Os momentos mais belos da minha infância  
Porém, foram igualmente, elas  
Que minhas lágrimas limpavam

Nos dias em que todos de mim duvidavam  
Foi em tua copa que me escondi  
Esperando o mundo esquecer  
Que a diferença me marcava  
Aquele menina tímida foi crescendo  
E o mundo conquistando  
Porém, para a tua sombra sempre volta  
Como os pássaros, que pelo mundo correm  
Mas nos teus ramos todos os anos  
Fazem seus ninhos e a vida se renova  
Minha vida sempre se renova em teu abrigo  
Pois em ti estão gravadas  
As raízes a minha infância  
Que sempre me inspiram  
Para o mundo tentar mudar

## Aquela Árvore

*Cheila Roça (3.º Prémio)*

Alumni da ESECS

Estava triste quando te vi  
Meu dia havia sido terrível  
Procurava um lugar para chorar  
Mas parei só para te olhar  
Teu tronco me dava firmeza'  
Junto dele tinha outra certeza  
Já não queria desaparecer  
Mas naquele lugar permanecer  
Olhando tua copa  
Que abriga tantos seres  
E de acolher nunca se farta  
Mesmo quando o sol falta  
Tuas raízes me inspiravam  
A procurar meu caminho  
Teus troncos me embalavam  
E assim, no meu dia  
Já conseguia deslumbrar  
Alguma magia.  
Tuas folhas me beijavam  
Fazendo-me perceber  
Como é bom viver  
E junto a ti descobrir  
Que não há problemas  
Impossíveis de resolver  
Minha doce amiga

Junto de ti deslumbrei  
Que há vida  
E sonhei  
Nossa história partilhar  
Para outros poder inspirar  
Pois uma nova vida, ganhei  
Quando teu abrigo, conheci  
E a minha vida redescobri.

## Pelo Vento

*Alexandra Albuquerque (3.º Prémio)*

Alumni da ESECS

Meu amor perdemos anos,  
A semente caiu,  
Os anos passaram,  
As raízes alastraram-se,  
Os anos passaram por nós,  
A árvore cresceu,  
Vimos a vida a passar,  
As flores começaram a brotar,  
E com elas,  
Vi a vida a passar,  
Um a um vieram os frutos,  
Os meus filhos cresceram,  
A minha árvore tornou-se anciã,  
E hoje no fim dos meus dias,  
Sentada neste jardim vejo,  
Vejo os meus filhos e netos,  
Vejo o belo jardim que criamos!





